



Alice Ferraz alice@fhits.com.br

Cuidar do que amamos

Moro há 15 anos na mesma casa e foi uma jornada longa para chegar até ela. Aos 26 anos, quando me separei, tive de sair de uma casa espaçosa, com jardim, para um pequeno apartamento encarapitado no alto de um prédio com janelas pequenas. A mudança foi drástica. No começo, achei que iria me acostumar. Era falta de hábito, pensei, pois antes do meu casamento também morava com meus pais em uma casa térrea e de rua.

Ao contrário do que pensei, a cada dia eu sentia mais falta da casa de rua, dos pássaros, do pé no chão. Durante anos, meu

objetivo era um só: voltar para uma casa. Olhava os anúncios e ia visitar inúmeras delas aos sábados e domingos, sabendo que não tinha no momento – e nem teria em um curto espaço de tempo – condições para comprar algo nem parecido com o que visitava.

O movimento deixava clara a distância que eu teria de percorrer, mas em momento algum a busca me desanimou. A meta era voltar a morar em uma casa de rua com jardim, pequeno que fosse. Trabalhei anos com esse objetivo e finalmente consegui. Nesses 15 anos, não lembro de passar um dia sequer sem olhar minha casa com afeto e com re-

conhecimento do que ela significa. A imagem da casa dos sonhos se manteve a mesma nesses anos e, de alguma forma, escondeu da minha visão as marcas do tempo que passou. Em certo domingo de dezembro, percebi uma rachadura na parede, depois uma janela quebrada – e assim fui trilhando um caminho sem volta de inspeção.

Reconheci com certa tristeza meu descaso, deixado claro no piso de madeira agora manchado pelo sol que entra pela sala ou no batente que reteve umidade sem que eu notasse. Meu suposto amor pela casa não se refletiu em uma ação de cuidado. Amei de forma displicente, des-

tenta, descuidada; fui daqueles que acreditam que só o poder de sua presença já é o reconhecimento do amor, sem levar em conta os interesses do outro, sem ser útil ao companheiro.

Depois da inspeção, o veredicto: tenho de sair da casa por dois meses para uma reforma. Descobri cômodos que já não têm função, móveis que não representam quem somos, espaços feitos para vidas que mudaram. Tenho consciência de que a reforma não é só dela, da casa, mas é minha também. Olhar para ela me faz olhar para mim, para meu marido, meu filho que não mora mais conosco, meus sobrinhos de 3 anos

que agora fazem parte da minha vida. Ainda quero morar na quietude do meu bairro e da casa de rua e esse é o ponto que trago da Alice que já fui.

Estou ansiosa por reconhecer quem sou hoje nas escolhas, mudanças e cuidados que farei na casa; estou também com medo do processo e de para onde ele pode me levar. Mas a decisão está tomada e ela já sabe. A relação de descaso acaba aqui, ela não duvida das minhas intenções. Quero provar que meu amor é de uma companheira útil, atenta e interessada. ●

É ESPECIALISTA EM MARKETING DE INFLUÊNCIA E ESCRITORA, AUTORA DE 'MODA À BRASILEIRA'

SEB Simião Castro (quizenal) • TER, Patrícia Ferraz • QUA, Roberto DaMatta • QUI, Luciana Garbin (quizenal), Patrícia Ferraz • SEX, Marcelo Rubens Paiva (quizenal) e Maria Fernanda Rodrigues • SAB, Alice Ferraz, Suzana Baretlli, e Daniel Martins de Barros (quizenal) • DOM, Leandro Karnal, Sérgio Augusto e Ignácio de Loyola Brandão (quizenal)

Moda Coleção

Chanel relembra a emancipação do guarda-roupa feminino

Em desfile na Semana de Alta-Costura, em Paris, a *célebre maison* recriou os emblemáticos botões de Gabrielle Chanel

ALICE FERRAZ

Com alma contemporânea e uma história de mais de 100 anos, durante os quais foi responsável por importantes transformações na moda feminina, a grife francesa Chanel habita um universo próprio no imaginário coletivo do mercado de luxo. Mérito que uma rápida pesquisa no Google confirma: Chanel é a marca de moda mais famosa do mundo segundo a lista criada pela própria plataforma a partir de fontes de toda a web.

A posição no pódio é emblemática e impõe respeito – mas, mais do que isso, mostra a importância do valor de uma marca que, no caso da *maison*, começou com a própria fundadora, Gabrielle Chanel, construindo de forma constante e expressiva a mítica da grife francesa em torno de seu nome. A marca, hoje, continua esse trabalho e mantém viva a memória de sua fundadora, valorizan-

do seus códigos e contando histórias que reforçam o posicionamento da marca para as novas gerações. Na última Semana de Alta-Costura em Paris, que ocorreu em janeiro, mais um capítulo foi contado.

O grandioso e sempre muito aguardado desfile da Chanel, que aconteceu no imponente Grand Palais, teve como ponto de partida o botão Chanel, um símbolo de emancipação e liberdade cuja história o eleva ao status de joia entre os elementos que formam a reconhecida iconografia da *maison*.

Desde os tempos de Gabrielle, o botão é visto como um marco da liberdade feminina. Isso porque, historicamente, durante a ascensão do *prêt-à-porter* no mercado, no início do século 20, os botões foram introduzidos no guarda-roupa feminino com mais presença, trazendo uma nunca antes vista praticidade para abrir e fechar as roupas em uma época em que a moda restringia os movimentos da mulher.

A história emblemática do botão Chanel foi apresentada aos convidados antes do desfile em um filme criado em colaboração com o rapper americano Kendrick Lamar, mas teve seu início muito antes do show, logo no convite, que veio acompa-



Atriz Margaret Qualley abriu desfile com um botão a menos na manga, cereja do bolo da apresentação

nhado de um botão dourado de metal que trazia o símbolo da marca selando o envelope. A sala de desfile em si – que, não à toa, tinha formato circular e era de tons pálidos de ouro –

Botões
No início do século 20, os botões foram introduzidos, trazendo praticidade para abrir e fechar as roupas

também fez parte da narrativa, trazendo um grande botão dourado no teto, que desceu e se aproximou da passarela quando o show começou.

Discurso, convite, ambientação e vídeo: a experiência parecia estar completa. A cereja do

bolo, no entanto, veio no look de abertura, desfilado pela atriz Margaret Qualley, no qual faltava um botão na manga direita do emblemático e bem construído casaco de tweed Chanel. “Uma referência à experiência construída para o show”, pontuou a marca.

BALÉ. Na passarela, a história de liberdade iniciada pelo botão ganhou ainda mais potência em uma coleção que trouxe também a arte da dança como fio condutor. Com destaque especial para o balé, com suas saias de tule, fluidez sublime e tons aquarelados, a temporada da marca vem extremamente delicada e suave. Tudo permeado por uma sensibilidade marcante, como ressalta a diretora cria-

tiva Virginie Viard: “A Chanel me desperta emoções que uso como inspiração. Minha missão é achar novas formas de contar suas mais lindas histórias”.

Tal suavidade se expressa pelas sobreposições de tule de seda e organza, que trouxeram um ar etéreo à temporada em saias volumosas ou ao flutuar sobre peças em tecidos mais pesados, como o tweed.

Os mesmos tecidos vaporosos também vieram em saias e calças mais ajustadas ao corpo, trazendo uma transparência poética às composições. De forma geral, as peças que cruzaram a passarela eram o doces e delicadas, mas vieram acompanhadas também de história e com uma potência singular que é completamente Chanel. ●

PHOTOGRAPHY: JAMES MCKAY
STYLING: ANTOINETTE LAFITTE
P pressreader